

De uma médica consciente e eticamente preocupada

Será que os médicos com uma posição hierárquica mais elevada, sendo professores, alguns deles e com anos de carreira hospitalar em paralelo, se sentem nostálgicos de um passado, em que a sua posição de prestígio era inquestionável? Será que se sentem um tanto perplexos frente ao movimento incontrolável da ciência e da tecnologia, tornando-se menos motivados do que no passado?

Poderá esse desconforto constituir um fator negativo na socialização e formação de valores éticos entre os seus pares, Alunos de medicina, Internos e Colegas do mesmo nível acadêmico e curricular?

Como conseguir, o ponto de equilíbrio transdisciplinar, onde todos aprendem com todos? Como criar uma plataforma de entendimento entre os diferentes grupos etários e de diferenciação científica, para que de forma transversal se possam exprimir desconfortos e resolver diferendos? Haverá necessidade de organizar grupos estanques, impenetráveis destinados a pretensamente solucionar os problemas extremamente específicos de cada grupo?

Penso que deveremos começar por ouvir os que sentem dificuldades específicas, e discuti-las de modo transparente, como numa plataforma como esta, aberta. Os grupos específicos têm de facto questões específicas a resolver, e a discutir entre si, mas não podemos esquecer que essas ansiedades éticas e deontológicas, já foram experienciadas, ainda que com outras *nuances*, pelos que hoje pertencem a um outro grupo, pela idade, pela experiência e pela vida sociocultural também. E devem ser partilhadas para se acrescentar conhecimento.

Somente com paredes de vidro, as questões específicas dos grupos podem ser discutidas e enriquecidas e quem sabe se a dicotomia velho-novo, aluno-interno, especialista jovem-especialista sénior, será menos ténue, do que se pensa. São as discussões alargadas, e transparentes sobre problemas concretos que mais consensos obtém, como constatou Albert Jonsen, nas Comissões de Bioética. Pelo contrário as discussões filosóficas sobre

fundamentos e princípios, separavam realmente os grupos, que se isolavam e decidam entre si a regulamentação das suas práticas, desligadas do todo social.

É importante dar voz, ouvir e partilhar dificuldades específicas e experiências diferentes. Todos ficaremos a ganhar e seremos seguramente mais solidários e sabedores.

Este artigo vai dar voz a uma jovem interna, porque é com a colaboração de todos, que a relação médico-doente se fundamenta e reforça, podendo ensinar aos vários intervenientes médicos, em qualquer fase do seu percurso profissional, a melhor metodologia para a otimizar. Uma relação médico-doente não adequada, constituirá um importante factor de perda de confiança e credibilidade por parte do doente, na própria profissão médica.

Inicia-se o artigo com a frase, de **uma interna para internos**, Eu direi de uma médica consciente e eticamente preocupada, para outros médicos igualmente conscientes e eticamente preocupados

Leonor Duarte de Almeida.